

NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DA MULHER PERIFÉRICA NO DOCUMENTÁRIO BARONESA

Alinny Ayalla Cosmo dos **ANJOS** – Univ. Federal Sergipe – ayallajor@gmail.com
Maria Beatriz **COLUCCI** – Universidade Federal de Sergipe – biacolucci@gmail.com

Resumo expandido:

As práticas cinematográficas de produção, distribuição e consumo mudaram radicalmente ao longo das últimas décadas. O novo século introduziu a produção digital acessível, novas oportunidades de transmissão, narrativa transmídia, realidade virtual, além da revolução no consumo do público via streaming online e vídeo sob demanda. Estratégias de distribuição cada vez mais em camadas - incluindo festivais e plataformas online - fornecem um caminho para a produção audiovisual desfrutar de um ciclo de vida mais longo, mais dinâmico e com múltiplas audiências. A interação entre o digital e o cinema possibilitou experimentações, de forma a trazer à tona projetos que não conseguiriam ser realizados no circuito tradicional de produção. Nesse contexto, basta ter uma pequena câmera de celular para filmar qualquer coisa, em qualquer lugar, sem a necessidade de um alto orçamento. Essas mudanças proporcionaram mais acesso e facilidade na produção audiovisual, bem como maior proximidade com o público.

No entanto, apesar das novas oportunidades para cineastas e audiências, desafios particulares são persistentes. A falta de equidade em relação à diversidade racial, social e de gênero – tanto em termos dos próprios criadores creditados, quanto do foco das histórias contadas – ainda fortalece um sistema excludente e pouco representativo. A análise a partir de uma perspectiva de representação levanta preocupações sobre a desigualdade e a invisibilidade de minorias, seu empoderamento e participação. Assim como a mídia desempenha um papel proeminente na criação de significado e representatividade, moldando nossos valores, definindo “quem somos” e estabelecendo normas, são os filmes, cineastas, produtores, estúdios e órgãos governamentais e/ou financiadores que moldam irrefletidamente as identidades cinematográficas. Os modelos de representação do cinema contribuem, por sua vez, para gerar o imaginário coletivo de uma cultura.

Dado o papel que nossa identidade desempenha na maneira como vivenciamos e acumulamos poder, é importante entender os possíveis obstáculos, discriminação e opressão que alguns grupos experimentam em detrimento de outros. Para alguns, a experiência em ser de um determinado grupo racial ou classe socioeconômica, de um determinado sexo ou orientação sexual, envolve preconceitos recorrentes e até mesmo sistemáticos ou institucionais. Esse preconceito pode se manifestar em falta de oportunidades, direitos, acesso à informação e bens culturais, salários desiguais, além de estereótipos, marginalização e perseguição.

Nesse cenário, conflitos de representação em relação aos espaços periféricos (as favelas e comunidades pobres) estão relacionados às questões de inclusão e exclusão social, problemas e processos históricos que provocam a discriminação de um amplo setor

da população. Na história do cinema brasileiro, foi apenas a partir dos anos 1990 que as produções de cinema e TV “desencadearam uma sucessão de proposições que reelaboram o lugar das periferias e favelas no universo virtual do que é visível, lócus privilegiado da sociedade contemporânea” (HAMBURGER, 2007, p.115).

Com a facilidade de acesso aos meios de produção audiovisual, em conjunto com iniciativas públicas e privadas, como políticas de inclusão e oficinas de vídeo, grupos sociais antes invisibilizados obtiveram o incentivo e a chance de elaborar suas próprias representações imagéticas, do seu cotidiano e vivências. Os desdobramentos dessa inserção é o objeto geral desse estudo, visto que as narrativas audiovisuais da periferia revelam um sentido de processo político e representatividade.

A partir de tais considerações e levando em conta a metodologia proposta pela Teoria dos Cineastas (BAGGIO; GRAÇA E PENAFRIA, 2015), propomos um exercício de análise do filme “Baronesa” (2017), de Juliana Antunes, investigando as estratégias narrativas utilizadas e como estas se articulam a processos políticos e representativos. Acreditamos que um dos aspectos importantes para esse trabalho está relacionado ao fato de problematizar práticas e representações sociais no cinema, em busca assim de um processo reflexivo sobre a resistência a legitimidade dos dispositivos de poder cristalizados na organização da sociedade, nas instituições e no cinema, e valorizando a diversidade de representações e subjetividades existentes nos espaços periféricos.

Sobre a metodologia podemos dizer, a partir dos próprios autores, que esta é uma “perspectiva teórica dos cineastas diante de seus atos artísticos criadores. Trata-se de um método diferenciado de abordar o cinema enquanto área de pesquisa, pois não detém o foco exclusivamente aos filmes” (BAGGIO; GRAÇA E PENAFRIA, 2015, p. 21). Em outras palavras, o método prioriza o discurso reflexivo dos cineastas sobre suas obras e outros aspectos relacionais, para buscar entender esse cinema por quem o produz e a partir desse material coletado diretamente na fonte, contrastar/contribuir com a Teoria do Cinema estabelecida na academia (PENAFRIA; SANTOS; PICCININI, 2015).

Palavras-chave: Cinema contemporâneo, narrativas, periferia, Teoria dos cineastas

Contato: Alinny Ayalla Cosmo dos Anjos – PPGCINE/UFS - ayallajor@gmail.com

REFERÊNCIAS:

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott. **Confabulações da Alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos.** In: GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (Org.). Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. P. 15-35.

GRAÇA, A. R., BAGGIO, E. T.; PENAFRIA, M. **Teoria dos cineastas: uma**

abordagem para a teoria do cinema. Revista Científica/FAP (Curitiba. Online), v. 12, p. 19-32, 2015.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAMBURGER, Esther. **Violência e pobreza no cinema brasileiro recente.** In: Novos Estudos Cebrap. pp.113-128. n. 78, julho 2007.

PENAFRIA, Manuela; SANTOS, Ana; PICCININI, Thiago. **Teoria do cinema VS teoria dos cineastas.** In: Atas do IV Encontro Anual da AIM, Covilhã: AIM, pp. 329-338, 2015.

SHILS, Edward. **Centro e Periferia.** Lisboa: Difel, 1996.

SOUZA, Gustavo. **Políticas culturais, vídeo digital e política de representação: fatores para o desenvolvimento do cinema de periferia brasileiro.** Revista Fronteiras (Online), v. 14, p. 99-109, 2012.

ZANETTI, Daniela. **Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento.** E-Compós (Brasília), v. 11, p. 1-16, 2008.

_____. **Produção audiovisual periférica: uma proposta de abordagem.** In: II Compolítica, 2007, Belo Horizonte. Cadernos de Resumos - II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa em Comunicação e Política, 2007. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_scp-daniela.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

FILMOGRAFIA

Baronesa. Direção: Juliana Antunes. Minas Gerais: Ventura, Filmes de Plástico, Pepeka Pictures, Katásia Filmes, 2017. 1 DVD (71 min).